



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



19 DE JUNHO DE 1965
ANO XXII — N.º 555 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * FAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

JALES DO CORNELIO PARA FAÇO DE SOUSA * AVENCA * QUINZEANAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Tónio Zé entrou em Setembro passado. Há muito abandonado pela mãe, que a má vida apaixonara, vagueou pelas ruas do Montijo na pedrinha e no desamparo.

Foi difícil a sua adaptação. Chorou muito, tentou várias vezes fugir, passou muitos dias aos cantos da casa sem querer associar-se a ninguém. Fechado, desconfiado, olhava tudo e todos por cima das sobrancelhas e não esquecia os atractivos da rua mais as suas bem sabidas lições.

Muito lentamente, a be-eza da sua inocência corrompida têm-se descoberto em manifestações de be-eza indescrevível.

Tónio Zé tem oito anos, olhos verdes, vivos e faces afiladas, mas coradinhos.

Outro dia, ouviu falar, na lição da catequese, da Presença Viva no Sacrário. Do Amor que esta Presença é. Esteve atento. Comovido. Guardou pa-

ra si toda a descoberta da Grande Maravilha. Não disse nada a ninguém. Nada deixou transparecer. Arreádo. Numas destas noites dou com o Sacrário aberto. Vou ver. Falavam partículas na pítide. Fiquei atónito, trespassado duma angústia terrível. Temi a violação do Santuário.

Reuni os rapazes. Falei. Fizeu tudo suspenso. O respeito pelo Sagrado é um grande valor nas nossas Casas.

Expus, ao nível do seu entender, a gravidade duma profanação desta natureza. Ninguém se acusava. Eu, cada vez me afligia mais com a ideia de que fosse alguém de fora.

Do fundo da assembleia começaram a irromper uns soluços. Tónio Zé, com as mãos tapando os olhos e a cara desfaziase em lágrimas. Tinha sido ele. Depois vim a saber tudo.

Ele entrou na capela à tarde e quis «comer o Jesus». Foi à gaveta da sacristia e trouxe a chave, depois pôs uma cadeira, abriu o Sacrário, falou ao Seu «Amiguinho» e «metiu no coração».

Quem me dera possuir a inocência do Tónio Zé para receber o Senhor.

A riqueza do Tónio Zé é igual à de quase todas as antigas crianças, que hoje povoam as nossas cadeias, como criminosos. A violação da sua inocência pelo pecado do aban-

ÁFRICA

Mais quatro dos nossos embarcam nestes dias. Digo quatro, porque, não sendo um propriamente da Casa, aqui principiou há 22 anos a sua arte de pedreiro quando esta Aldeia nascia — e assim se tornou quase da Família. Agora vai estreitar ainda mais os laços, assistindo ao nascimento de outra Aldeia cristã nas longes terras de Benguela.

Os outros três são tipógrafos, um impressor, um compositor e um encadernador, que em 1 de Julho próximo estarão diante da sua máquina, do seu cavalete e da sua mesa de trabalho, iniciando a actividade de uma Tipografia da cidade, que também abre um bocadinho por eles, pelo desejo de um coração amigo de ter uma oficina gaiata.

É uma responsabilidade dupla: a correspondência à oportunidade que lhes é oferecida e o «fazer a cama» para muitos outros que, pelo tempo em fora, se lhes poderão juntar. Eles sabem. Assim como aos primeiros que daqui partiram vai para dois anos, também a estes procurámos inculcar o sentido de missão que levam. Que Deus os ajude a cumprir, como, por Sua graça, têm cumprido os que antes foram.

Para nós é uma alegria este ir povoando com gente válida aquelas nossas terras tão ávidas de homens capazes de trabalhar e desejosos de o fazer. Ao contrário do que muito se fez durante muitos anos, não temos regateado a qualidade dos que vão; antes temos procurado escolher os mais formados, tanto em carácter como profissionalmente. Que eles, na modéstia do seu plano, e sem nunca pretenderem deixar de ser o que são, contribuam para a

instauração da cidade de Deus — Reino de Justiça, de Amor e Paz — na cidade dos Homens. Será o melhor serviço que a estes podem prestar.

Vão os quatro no «Rita Maria», que assim se vai consagrando o navio da Casa do Gaiato. Eu que aqui me queixei há semanas da «burocracite» que enforma muita «organização desorganizada» que há por aí — e que me torno a queixar a propósito mesmo das papeladas e voltas necessárias a esta ida — não posso deixar em silêncio a nossa alegria e gratidão pelo modo generoso e expedito e simples como nos têm correspondido os Homens da Marinha Mercante.

Que Deus guie o «Rita Maria» por sobre as águas do mar, agora e sempre.

do é muito mais grave aos olhos do Pai que a violação do Sacrário. «Ele (Cristo) chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse: Se não voltardes a ser como os meninos, não entrareis no Reino dos Céus... Se alguém vier a ser ocasião de queda para um desses pequeninos mais lhe convinha que se lhe suspendesse em volta do pescoço uma mó e se afogasse no alto mar».

O que terá sido o encontro de Cristo, naquela tarde com o Tónio Zé, é dos segredos divinos. O Tónio Zé gostou muito!

Padre Acílio

Cantinho dos Rapazes

Neste Domingo após a Ascensão, na solitária capelinha do monte mais lindo para mim, confesso que subi ao Altar disposto a nada dizer ao pequenino povo que assistia à Missa: os meus três companheiros. Mas a oração, de tão substancial e tão simples, converteu-me — e vou agora repensar convosco o que então pensei.

«Fazei, Senhor, que sempre conservemos sujeita a Vós a nossa vontade...»

É o problema da Liberdade do homem o que se põe. E a prece, digna e logicamente, suplica a intervenção de Deus a corroborar a nossa decisão: «Fazei, Senhor...»

Mas então, será Liberdade sujeitar o homem à de outrem a sua vontade? Não são contraditórios os con-

ceitos de Liberdade e sujeição? Assim parece, na verdade, ao mais superficial julgamento — e porque a maioria dos homens é superficial nos seus julgamentos — eis que tão confusos andam por aí os conceitos a respeito dos valores fundamentais, a Liberdade inclusa.

A Vontade é uma faculdade de sua natureza submetida a outra — a Inteligência. A Vontade segue a Inteligência. Actua e move pelos caminhos que a Inteligência ilumina.

Ora a inteligência mostra-nos a evidência que o homem em sociedade só pode viver harmonicamente com os outros homens, submetendo a sua vontade a regras que o Bem Comum dita e das quais um — ou alguns poucos... — será o árbitro.

Sujeitar a nossa vontade à de esse, não é uma hipoteca da nossa Liberdade,

na medida em que o fazemos deliberadamente sob a iluminação que a Inteligência nos fornece; e também porque o árbitro sujeita a sua vontade àquelas regras de que é apenas juiz, as quais foram ditadas pela Inteligência dos homens, pelo que Ela descobriu ser exigência do bem de todos, conforme às Leis da Natureza.

Mesmo na nossa existência considerada individualmente quantos obstáculos se levantam àquela natural e primitiva submissão da Vontade à Inteligência!... Quantas vidas fragmentadas porque a Inteligência foi obscurecida pelo amor-próprio ou por outras formas de orgulho, por influência da sensibilidade, de más paixões...; ou porque a Vontade enfraqueceu por acção do ambiente!... Tudo isto é subversão

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Aqui Lisboa

VIVEMOS horas de grande esperança no sector oficial. A Tipografia terá, se Deus quiser, muito brevemente, máquinas que a enriquecerão sobremaneira. A Carpintaria, equipada como as melhores, tem produzido e valorizado os seus Rapazes, despertando o seu interesse. A Serralharia, depois de longo poiseio, vai reabrir com gente nova. Horizontes mais vastos se avistam. Contamos com as vossas encomendas. Deste modo, não só ajudareis materialmente como contribuireis para a valorização integral dos Rapazes, corpo e alma, espiritual e profissionalmente. O trabalho é e será sempre uma grande escola. Pai Américo viu bem o seu valor redentor e formador.

ALGUÉM da nossa Alfaiataria diz-nos, em tom convincente: «Olhe, estamos a ficar para trás, pois, só no Tojal, e que não há daquelas máquinas de costura que fazem tudo. Peça, porque há-de haver quem se explique». Deixamos à vossa amizade o «explicar» e que são estas máquinas!

ESTUDANTES. Temos amargado. As dificuldades que um dia vivemos de conciliar um forte desejo de valorização com o ganhapão de cada dia, deram-nos, se possível, um interesse ainda maior por ajudar todos aqueles dos Rapazes com capacidade mínima para o estudo. Os êxitos alcançados não são nada animadores. Vivemos, no entanto, de esperanças e insistiremos. Não podemos, claro está, é desconhecer o significado da palavra estudante: aquele que estuda. Compreensão e boa vontade sim! Brincar aos Rapazes, não!

AINDA o problema dos incógnitos. Há pouco tivemos de tentar explicar a um dos nossos qual a razão porque não constam da sua cédula os nomes dos pais. Dizemos tentar explicar, pois é difícil fazer compreender este «ferrete» que marca muitos dos nossos Rapazes, a não ser por incúria ou desprezo da sociedade e deficiência das suas leis. Vimo-nos embaraçados e não cremos que pudéssemos sa-

tisfazer a ansiedade de quem nos põs angustiosamente a questão, de consequências e recalcques imprevisíveis no seu futuro. Como ele muitos outros, por um dos progenitores ou os dois não constarem dos respectivos registos, com o exercício concomitante da responsabilidade inerente. Já que, em certas circunstâncias particulares, possa haver dificuldade em averiguar qual seja o pai da criança, mas saber de quem sofreu as dores de parto é que não vemos o escolho.

Para boa ordem e organização da nossa vacaria mandámos colocar, em frente de cada um dos animais, uma ardósia, onde passe a constar, como aconselham

as regras, o nome da vaca e dos seus progenitores. Só depois reparámos, pelo contraste, nos problemas que se iriam levantar e resolvemos que as ardósias apenas indiquem as designações pelos quais aqueles úteis maníferos são conhecidos. Não queremos magoar os nossos ilhos com uma medida que, embora legítima, iria pôr em evidência as tristes incongruências dos homens; fazer aos brutos aquilo que não julgamos ser direito das pessoas, com valores eternos em jogo.

A nossa «Philishave» é muito solicitada. Gostamos de a emprestar, embora corramos o risco de a vermos «melhorada». É sinal de confiança e de intimidade, além de representar que os moços começam a sentir-se homenzinhos quando a «penugem» lhes «suja» as faces. Isto não seria possível se fôssemos o «Senhor Director», não é verdade?!

Padre Luiz



N O silêncio da colina, longe do bulício do mundo, entre pinheiros esguios, repousam agora os restos humanos dos nossos doentes, dos nossos santos. Gosto de chamá-lhes assim. A doença, e a doença a longo prazo sobretudo, é sempre um chamado especial de Deus ao mistério da Redenção. E Deus santifica aqueles a quem chama. Como também chamamos Santo ao Campo novo que lhes demos a estrear há bem poucos dias. Não desejávamos utilizá-lo sem que primeiramente comparcesse a licença. Mas, o Senhor chamou-nos a Si três doentes, logo após a inauguração, pelo que a Burocracia ficou mal desta vez. Os vivos têm que se resignar a esperar pelos papéis; os mortos não.

x x x

Não é para ostentação de quem dá; é para tranquilidade de quem deu — o dizer-se aqui a oferta, tantas vezes totalmente anónima, de muitos amigos. E é também para que o mundo saiba como Deus trata Seus filhos.

Promoção de 700\$ com muito amor pelos irmãos doentes. Alguém, com medo que o pai se perca, pois sofreu trombose cerebral, vem trazer uma renúncia. António Ramos com 50\$. Maria com 60\$. Doadora de sangue uma e muitas vezes com uma gota dele. Anónimo de Lisboa com 500\$. Admiradora da Obra com 30\$ em to-

dos os meses. Assinante de Alcobaga com 200\$. Da Covilhã, 500\$. Albina com 100\$. Doente para doentes com a presença costumada. F. Guimarães com 500\$. De Vila Pery 100\$. Da Sociedade de Cristais outro tanto. Maria quer ajudar a doente do Aljube. O Senhor a levou, já. Vitorino com 100\$. Magda com metade. Pessoal da Fábrica do Jacinto com outro tanto. E ainda com a mesma quantia a anónima da R. das Papoilas. Anónima da Ajuda com 500\$.

Portuense qualquer com 50\$. Amiga da Palhaça com cinco vezes mais. Outra vez com 50\$ B. A. C., mais a amiga da R. General Taborda.

De L. Marques 100\$. De Lisboa metade. Das Caldas da Rainha o dobro. De Rebordões uma promessa. De Tomar roupa. Da C. G. Depósitos de Braga a presença habitual. De Castelo Branco 50\$. E outro tanto de Monchique, de Coimbra, do Carregado e da R. Rodrigues de Freitas.

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

da ordem natural: é revolta da Vontade contra a Inteligência que tende a sobrepor-se-lhe, e que, pelo menos, produz interferência das duas faculdades no campo uma da outra, turvando a acção de cada qual, comprometendo a sua autonomia, arruinando verdadeiramente a Liberdade do homem.

Ora que somos nós enquanto seres espirituais, livres, portanto, senão um pensamento que Deus tem e começou a dizer no dia da nossa criação?

Realizarmo-nos (queiramos ou não que fosse de outra forma) é realizarmos o pensamento de Deus que somos, o plano que Deus tem a respeito de nós, que quer executar por meio de nós. A perfeita Liberdade é a coincidência da nossa vontade com a Vontade dEle. É tão difícil vermos claramente a Vontade dEle! É tão difícil realizarmos tudo quanto vemos! Por isso nunca o homem neste mundo atinge a sua perfeita Liberdade. Mas tende para ela, na medida em que procura a coincidência da sua vontade com a de Deus.

Ouvir sem interferências o que Deus quer de nós e reproduzir tanto quanto a humana fraqueza nos permite o mesmo querer — eis o caminho da verdadeira Liberdade. É esta sintonização (palavra bem precisa e mais simpática aos nossos ouvidos de carne) o significado autêntico da sujeição, palavra que desagrada ao nosso superficial julgamento.

E na medida em que nos conhecemos fracos e somos sinceros conosco mesmos, ao desejarmos caminhar para a Liberdade, é razoável que nos temamos mais do que a ninguém e a nada — e assim, filialmente, livremente, pegamos a Deus: «Fazei Senhor...»

O homem que depois de ver a Vontade de Deus a seu respeito (que é o programa da sua própria realização humana) não conheceu a necessidade de implorar «Fazei, Senhor...» — é que nem sequer ainda se viu a si mesmo, quanto mais ver a Vontade de Deus! Esse é o mais infeliz de todos os cegos, porque nem sabe que o é.

Que Deus nos ajude a ver a Sua Vontade e a desejá-la. E depois, até ao fim da nossa vida, que suba muitas vezes do nosso coração aos nossos lábios: «Fazei Senhor, que sempre conservemos sujeita a Vós a nossa vontade e Vos sirvamos com sinceridade».

E iremos saboreando, ainda cá na Terra, como «servi-IO é reinar».

Padre Baptista



No silêncio da colina, longe do bulício do mundo, entre pinheiros esguios, repousam agora os restos humanos dos nossos doentes.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Do que nós necessitamos

Ainda se não esvaíram os ecos da festa da Páscoa e, com ela, as presenças sempre gratas e amigas dos nossos benfeitores.

Da lista dos donativos abaixo discriminados, muitos deles vieram nessa quadra festiva. E vamos a eles:

Lisboa, com 50\$00. Promessa de 20\$00. De B. A. C., 100\$00. Assinante 16264 com 30\$00. Do Porto 20\$00. Mais 100\$00 de algures. «Pobre pecadora» com 1.250\$00. Severina com os 50\$00 mensais. Livros escolares de L. P., Migalhinhas de 80\$00, duma assinante do Porto. 1.000\$00 de A. R. J. A., para o que for mais necessário. Pinheiro Grande com 500\$00. Igual quantia para os nossos Pobres, de Rio Tinto. Mais os costumados 100\$00 de todos os meses da Avenida Almirante Reis.

«Amiga da Obra» com 200\$ e a intenção do costume. Uma Filomena do Porto, envia 200\$00. Lisboa-2 com 20\$00. Ervedal da Beira com 50\$00. Mais 20\$00 da Invieta. No Lar do Porto, vários donativos. Por alma de Célia Pires Teixeira, 120\$00. Mealhada com 200\$00. De Lagares da Beira, 50\$00. De muita gente anónima que nos visitou, um casal apresenta-se e fala. Momentos após, a esposa entregou 3.000\$ e o marido, sem ela saber, deixou 10.000\$00, comemorando assim o dia da Primeira Comunhão dum filho. Oxalá que este dia seja sempre lembrado, e o Senhor os acrescente.

«De um cristão», 920\$, para ajudar um pouco os problemas financeiros dessa Obra». Obrigado cristão amigo. Do Porto, 20\$00. Mais 200\$ no Lar. A nunca esquecida Avó de Moscovide, não se cansa de nos enviar as suas migalhinhas. 50\$00 de J. Dias Pinto. E 20\$00 de Lisboa. E de Barcelona — Espanha, 500 pesetas de pessoa amiga e assinante. Rio Tinto com 100\$00 já habituais. 1.000\$00 do Porto. E. D. M. com 20\$. E os silenciosos donativos mensais, e Rua da Madalena, com os 20\$ mensais, e Soure com os 40\$ do costume.

Óculos usados de Viseu. Camisolas, sapatos e camisas de Albergaria-a-Velha. Roupas entregues na Casa amiga do Zé Rancheiro em Viana do Castelo. Mais vestuário da Suíça. Os nossos benfeitores fazem-se ouvir nas mais longínquas partes do mundo. Mais uma camisola de Ordins. Roupas de Lisboa-4. Assinante 19127 com 400\$00. Do Porto 20\$00. Um envelope com selos usados. M. L. com 50\$. Para os Pobres do Barredo, e muito especialmente para a Senhora Carlota, várias ofertas e a muita mágoa por tão miserável viver.

Mais o «primeiro ordenado de minha filha», 40\$. De A. P. 50\$00. Mais 100\$00 de Lisboa-2. Para o que for mais neces-

sário, 50\$00 da Foz do Douro. Mais roupas de Lisboa. «De uma humilde operária do Porto», um pacote de roupas e 20\$00. Do nosso amigo e cliente da Tipografia Alvaro Soares Corrêa, mais vestuário. Duma S.ra do Porto que comeu o seu farnel à nossa mesa, no meio dos rapazes, 500\$ de promessa. Mais um cheque de 10 contos, daquele senhor engenheiro tão nosso amigo, e que ainda há pouco havia aparecido com 50 deles. Que o Pai do Céu o recompense, e a certeza de que não o esqueçamos.

Mais 20\$00 do Porto. «Lamencense agradecida», de Luanda, com 100\$00 em cumprimento de uma graça recebida. E finalizo com uma cartinha de Bruxelas:

«Aproveitando um portador que se desloca a Portugal tenho o prazer de enviar

1.050\$00 produto de uma quotização feita entre alguns imigrantes portugueses residentes em Bruxelas. Com esta pequena oferta nós queremos testemunhar a mais franca admiração aos continuadores da Obra do Padre Américo, e de Deus os ajude nesta árdua tarefa. Ouso pedir que se lembre nas vossas orações de todos aqueles que por força das circunstâncias são obrigados a viver longe da família e da Pátria.

Por dever de gratidão, não os esqueçamos, e por todos vós, queridos amigos da Casa do Gaiato, rezamos e sois lembrados no nosso terço diário.

Até à próxima se Deus quiser.

Manuel Pinto

Uma das coisas mais difíceis, quando a gente se debruça no parapeito desta coluna, é tentar escolher no grupo dos explosivos — e são tantos, graças a Deus! — aquele ou aqueles que servirão de bandeiras no fervilhar de interesse que o «Pão dos Pobres» gera, como na primeira hora, entre a massa dos seus leitores.

São desabafos consoladores. São hinos d'esperança. São almas que vibram em oração autêntica, sentida, que brota do fundo das almas. Bendito «Pão dos Pobres» que o Senhor ditou a Pai Américo!

Olhem pra esta súplica da Figueira da Foz:

«O assinante 13554 envia 20\$00 para pagamento do muito apreciado livro «Pão dos Pobres» — terceiro volume. O seu conteúdo devia ser decorado, ou lido um capítulo diariamente para que nos sentíssemos bem com a nossa consciência, aprendendo nele a santa Doutrina do saudoso Padre Américo. Se assim se fizesse não haveria tanto desamor pelos Pobres, nem tanto egoísmo, que muitas vezes torna o homem inferior a si próprio.»

Não se pode dizer mais, nem melhor, em tão pouco!

Agora, prestem atenção a um lishoeta:

«...Os outros 50\$00 são para amortizar a minha dívida de gratidão a Pai Américo pelo bem que a leitura dos seus livros tem operado em mim. Se eu pudesse muito havia de ajudar a sua Obra. Esta grande Obra que não tem par no mundo!... Tenho feito propaganda desta Doutrina aos que me dão ouvidos e também àqueles que não me ligam nenhuma. Mas não desanimo. Para ganhar coragem basta pensar no

que Pai Américo sofreu pelo nosso bem. Sim, porque todos nós precisamos do exemplo de quem tanto sofreu para bem da humanidade. Agora peço mais um favor. Quando o livro intitulado «Obra da Rua» estiver pronto eu desejava 3 exemplares. Tenho dois pretendentes.»

Os apóstolos do século XX são e falam assim como este lishoeta. Homeus que não desanimam porque levam Cristo na alma e no coração.

Finalmente uma chega, muito a propósito, à nossa desorganização organizada. Uma chega tão cheia d'amor que, depois de tomar nota da parte que me toca, a enderecei ao «Caixa d'óculos» que, por necessidade de serviço, regressou ao ficheiro do livro:

«Ex.mo Gaiato
Hoje fiquei absolutamente estupefacta quando recebi pelo correio mais 2 livros, Pão dos Pobres - III volume, pois já havia recebido um.

É certo que ainda não havia pago, ou por outra, enviado a minha oferta pelo primeiro que recebi, pois não há dinheiro que os pague!

Não me foi possível por dificuldades financeiras, o que peço desculpa.

Hoje envio 40\$00 por dois. É pouco? Sim, concordo. Pagará a edição? Sempre gostava que o dissessem.

Um ofereci-o a uma amiga que é uma nova vicentina. Como tal precisa de ser ensinada a sê-lo e a pô-lo em prática

«Quem me vê, vê o Pai» -- é a resposta de Jesus ao apóstolo Filipe... por isso, a via normal para ir ao Pai e para receber a sua mensagem é olhar para Cristo, escutá-Lo. O Evangelho inteiro relata esta missão de Cristo debruçando-se principalmente, sobre os enfermos, os pobres, os necessitados, os peccadores... todos estes eram os que lhe mereciam o maior carinho, e foi por estes que desceu à terra, fazendo-se um d'Elas, para quem visse um pobre, um necessitado ou um peccador, o visse a Ele mesmo, recompensando e em por um, o pouco ou o muito que se lhe fizesse. Vem isto a propósito dum caso que hoje trago ao vosso conhecimento, para o qual peço já a vossa ajuda. No Natal do ano passado, ardeu por com-



pleto a casita onde vivia uma mãe com 2 filhos, e abandonada do marido há já bastante tempo. Vivia do seu trabalho, que pouco era. Recolheram-na por caridade num palheiro enquanto não arranjava onde se meter. Como até à data nada apareceu... e o dono precisa do palheiro para guardar as suas colheitas, aí está a pobre mulher praticamente na rua. Já nos veio pedir o nosso auxílio mas nós sem vós, amigos desta Obra, nada podemos fazer, mas também não vamos ficar de braços cruzados. Com ajuda

de todos, assim o creio, pois nunca perdi em vão, a casita lá-de-erguer-se. Se alguém a quisesse oferecer completa? Seria o ideal, era mais uma casa do Património em Ordins, com a placa que o mesmo dissesse. No ano de 1964, com a vossa ajuda, e da Casa do Gaiato, foi possível dividir-se e assolar-se a casa duma tecedeira, doente com 4 filhos, dormindo todos no mesmo compartimento, onde no inverno era um autêntico lamaçal. Hoje vive feliz não se cansando de orar por quem lhe melhorou a situação. Os Pobres contentam-se com pouco.

Escutem, pois, este meu apelo. Deus vos recompensará.

A que está ao serviço dos Pobres.

M. A.

O Pão dos Pobres

como Pai Américo. O outro ficará para a minha colecção. O terceiro, ou o darei também e portanto enviarei mais tarde a oferta ou, se não achar ocasião para o oferecer, devolver-lho-ei.

Desculpe o eu pôr e dispor dos livros, mas a Obra é de todos nós, não é assim?

Muito grata e as minhas desculpas.

«Caixa» ficou mudo e quedo! Pois ficou. Prá outra vez ele já sabe que precisa de mais cautelinha para evitar duplicações na remessa de livros. Apesar delas — é o caso —

gerarem hinos de consagração ao «Pão dos Pobres».

Saibam os senhores que ainda há muitos livros na estante. E que ainda podemos servir muita gente com apetite. Pois desejamos que esta fornada de Pão se esgote, dado que estamos a trabalhar já noutra, fresquinha, que a generalidade não possui. É o «Obra da Rua». Se muitos se interessassem como esta nossa correspondente há pouco transcrita, quanta fome matariam os livros de Pai Américo na alma dos portugueses!

Júlio Mendes

CONFIE A EXECUÇÃO DE IMPRESSOS DO VOSSO ESCRITÓRIO, FÁBRICA, ARMAZÉM, ETC., NAS

TIPOGRAFIAS DA CASA DO GAIATO

SETÚBAL, TOJAL E PAÇO DE SOUSA



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

● **Casamento** — Tivemos um casamento, no domingo passado.

Casaram, o Manuel e a Suzana. Tivemos uma grande boda, que não havia melhor. O Manuel, veio para a Casa do Gaiato, muito pequenino. Com quatro anos de idade. Assim, foi crescendo, assim foi aprendendo, enfim fez-se homem e assim se casou.

● **Exames** — Os exames estão à porta. Andam todos aflitos com os exames, e anda tudo agarrado aos livros, porque, quem não fizer este ano exame apanha a quinta e sexta classe. E Deus queira que este ano fiquem muitos bem.

● **Venda do jornal** — Este ano anda muito fraco. Vende-se pouco. Uns dizem que as pessoas estão para fora, outros dizem que as pessoas não querem comprar. Dizemos assim: eles é que não sabem vender.

Toda a gente gosta de ler «O Gaiato», mas as pessoas não o compram.

● **Azeitona** — As nossas oliveiras estão muito lindas. Estão muitas cheias, que até estão a vergar. Deus queira que não caia nenhuma azeitona, porque se não, ficamos sem nenhuma.

● **Vinha** — Este ano temos as nossas videiras muito lindas, elas estão cheias de uvas.

Assim estejam até amadurecer que é para termos muito vinho. E andamos a tratá-las, que é para dar bom fruto.

● **Regas** — Andamos muito atrapalhados com as regas. Está tudo a secar, com falta de água.

Deus que havia de mandar água, não manda, por isso, está tudo a secar.

● **Bois** — Dantes tínhamos duas juntas de bois, agora já temos sete bois. São para criar e para trabalhar.

● **Porcos** — Temos muitos porcos; temos também uma porca para dar leitões. Já deve faltar pouco tempo para dar. E Deus queira que sejam muitos leitõesinhos.

● **Galinhas** — Temos muitas galinhas. Mas agora vamos ter mais se Deus quiser. Temos mais duas ninhadas. Temos também mais dois patinhos que o Airosa cria.

● **Lavoura** — Já semeámos quase tudo. Agora é só sarchar. O milho, e o feijão já nasceram e as batatas estão muito lindas. Agora como não há gente para sarchar, os das oficinas despegam às cinco para irem sarchar o milho, o feijão, a batata e todos os cereais que a gente comemos.

Lisboeta

BENGUELA

● **Amigos leitores.** Na impossibilidade que tem havido de eu poder escrever para o Famoso, sempre é desta vez que vai uma crónica minha. Caríssimos, desde já passo a contar coisas preciosas que estão na nossa quinta. Nós, os Gaiatos de Benguela, temos sentido tamanha aiegrla em vermos a nossa quinta

ca'a vez a andar mais para a frente! Até aqui tínhamos a nossa quinta em tal estado que em certos sitios mais parecia uma floresta. Pois os Srs. da S. A. C. com dois enormes tractores limpam tudo, graças a Deus. Desse obstáculo ficámos aliviados. E também já temos um posto transformador cá na nossa quinta, graças à enorme ajuda dessa tão nossa amiga Companhia S. A. C.. Nós não só ficamos satisfeitos por ver tantas coisas, como ficamos contentes com a simpatia dos empregados da S. A. C.. Portanto meus Senhores do Cassequel, desde já aqui fica o nosso muito obrigado por nos terdes feito tantas coisas.

● **O nosso galinheiro** está a ficar uma categoria. Temos as nossas frangas a pôr ovos. Até aqui não são ainda tantos que nos façam apanhar uma congestão, mas daqui a um tempo teremos para comer, para vender e para a chocadeira. Um destes dias experimentei uma coisa: pus uma perua a chocar ovos de pata e de galinha. Resultado: passados alguns dias nasceu um pinto e eu fiquei muito contente. Mas daí para diante não nasceu mais nada; cada dia que passava eu ia levantar a perua para ver se já tinha nascido alguma coisa, e não havia meio de nascer; o que comecei a reparar foi que os ovos estavam a cheirar mal. Tirei a perua fora, enterrei os ovos e daqui para diante nunca mais torno a fazer experiências.

● **Como é indispensável,** fomos passar umas fériaszinhas mais retardadas da nossa casa. Graças a Deus passámos uns dias alegres como sempre. Como é costume, fizeram-se uns concursos entre a malta em que aquele que saísse campeão ganhava o prémio. Já se sabe quem saiu sempre campeão: foram os seguintes: um angolano que se chama Zé Luis Faria e o Passarinho. Ambos ganharam uma «gilette» cada um e mais umas coisas. O concurso constava de respostas certas em sessenta segundos sobre História, Geografia, Religião, Variedades e Desportos. Não foi um concurso importante; aquilo era mais para passar o tempo e na verdade passava-se um tempo muito bom na brincadeira e na risota. Durante o concurso, um rapaz chamado Osvaldo e outro chamado Fui, que são irmãos, queriam à força ganhar a «gilette», mas a sorte não calhou a nenhum deles. Na verdade, aqueles a quem as «gilettes», calharam só ganham barba no dia da «S. Nunca».

● **Têm acontecido coisas** muito cómicas, mas como esta nunca vi. Ora escutem.

Eu no Continente gostava muito de saber o que é que os ninhos tinham: se ovos, filhos, ou até se não tinham nada. Pois um dia destes vi um ninho numa romãzeira e a curiosidade foi tanta, que caí na tentação de ir lá ver. Fui muito devagarinho, afastei os ramos para o lado, e quando ia a meter lá a mão, bufou-me uma tremenda cobra. Eu esta parte não sou capaz de explicar, mas sei dizer que fiquei amarelo como a cora, os meus cabelos pareciam o Pinhal de Leiria, os músculos não me deixavam fugir, etc.. Depois comecei a contar à malta; aquilo foi rir que nem calculam...E o vício que tinha de saber o que tinham os ninhos... saíu-me desde esse dia.

● **Todos nós gostamos** muito de sonhar. Eu agora quero pedir um favor aos Senhores. O favor é o seguinte, e oxalá se transforme em realidade.

Escutem: Sonhei que estava a chegar o mês de nós, os Gaiatos de Benguela

começarmos a nossa futura Aldeia. Igualmente sonhei que os Senhores nos tinham dado muita pedra, muito cimento, muita brita, muito ferro, etc., etc. Estão a ver, meus Senhores, está aqui um sonho muito fácil de se tornar realidade: basta cada um, por sua livre vontade, dar uma ajuda naqueles materiais que eu sonhei. Se não for nos materiais, também pode ser em chequezinhos, que o Sr. Padre Manuel também fica contente. Os Senhores concordam? Adeus.

● **Festas** — Já foi sonho o nome «festas» mas agora cada dia que passa, não se fala de outra coisa senão das festas. O Américo anda todo entusiasmado por causa dos ensaios. Se tudo nos correr muito bem faremos a nossa primeira festa aqui na nossa cidade-mãe, depois iremos ao Lobito. E se continuar a correr tudo bem deixaremos a região litoral para irmos para as Terras montanhosas ou seja Sá da Bandeira, Nova Lisboa, Novo Redondo, Malanje e Luanda. Eu calculando que os Senhores vão gostar muito, também faço ideia de que não há-de ir ver a festa com as carteiras vazias.

● **Visitantes** — Nós vamos para 2 anos que estamos cá e os Visitantes não têm sido demais. Têm-se passado Domingos de só vir um automóvel.

Os Senhores vejam lá se dispõem uma matinée, de vez em quando, para virem ver a nossa quinta que está muito bonita. Na estrada do Lobito está lá uma tabuleta que diz «Casa do Gaiato». Os Senhores não virem a cara a essa tabuleta, peguem nas suas carrinhas, sigam por aquela avenida onde se lê «Alameda do Pai Américo», virem à esquerda e é aí. Não custa nada, basta experimentar. Então vamos lá ver.

António A. Pereira de Almeida

Férias em Fontelo de S. Domingos

Queridos leitores. É com imenso prazer que vos venho dar notícias das nossas férias lá no alto de S. Domingos. Fomos para lá no dia 24 de Maio e viemos no dia 3 de Junho. Evidentemente que já devem saber quem era o cozinheiro: era o sr. padre Carlos! Eu e o Matateu éramos os rapazes dos recados e ajudantes de cozinha. Passos era o hóspede do moinho.

O Passos tinha medo das cobras e sr. padre Carlos resolveu-se pegar nele e levá-lo para o vale das cobras para lhe tirar o medo. Passámos umas férias boas, graças a Deus. No dia 30 de Maio o sr. David resolveu levar a sua família ao monte de S. Domingos, para comerem conosco. Levaram comer para quase 20 pessoas. Nesse dia o sr. padre Carlos devia ficar satisfeito por não ter o trabalho de fazer o comer.

● **Anedotas** — Um dia qualquer o sr. padre Carlos queria adoçar o café com feijão. Foi o caso que, em vez de trazer o açúcar, trouxe o cartucho de feijão. Nós começámos a rir e ele desconfiou. O nosso frigorífico era melhor do que um Bosch; era um mosqueiro nunca estava quieto e às vezes lá ia um de nós e mandava-lhe uma cabeçada. Sr. padre um dia gabou-se que nunca dera uma cabeçada e por fim deu três e bem fortes. O Matateu disse-nos que

em Setúbal havia uma estátua de Luísa Tody, e que era um homem!

Ficámos contentíssimos com o povo de Fontelo; ofereciam-nos muita coisa; por fim ainda nos sobrarão coisas. E por hoje é tudo srs. leitores. Até à próxima se Deus quiser.

António M. Sanches (Caparica)

● **NOTA DE REDACÇÃO** — Só falta dizer que o crónista emagreceu de tanto subir e descer o monte pelos recados necessários, mais pelos que inventava. E que saiu de lá deixando toda a gente, com a cabeça à roda com o seu rodopiar.

● **As nossas Oficinas** — As paredes estão em pé. Andamos no vigamento do telhado. Muito trabalho, mu o esforço dos que ali trabalham. Cada pilar e cada viga ficam marcados com a sua história.



Uma Carta

«Velho assinante de «O Gaiato», bendigo a hora em que me subscrevi e bendigo o momento em que ele me chega às mãos. Quanto lhe devo! Ele tem-me ajudado a ser menos peccador, e, através do sofrimento dos outros, dos que estão no «Calvário» e dos que lá não estão, mas que o têm cá fora, ele tem-me ajudado a sofrer o meu próprio calvário, o que já representa muito!

Factos há que me fazem reflectir, e acaba de se passar um desses. No dia em que recebi o número de 15 do corrente do vosso jornal, onde vem um artigo por si assinado, com o título POBRES, com um livro. Tal livro, da colecção ECCLESIA, intitulado «Amor Cristão — Lares Fervorosos», foi aberto por mim ao acaso, já depois de lido o artigo tendo-se-me deparado, nas páginas em que o abri, frases como estas:

«O sofrimento torna-nos mais humanos».

«Há coisas que só se vêem bem com os olhos que choraram».

«Feliz o que sofre e sabe fazer o bem».

Padre, eu não sei fazer o bem, mas quero procurar fazê-lo. Quanto ao resto, o sofrimento tem-me tornado mais humano, assim como as lágrimas abundantes que tenho chorado vai já para dois anos.

Não posso atirar pedras,

Em dias de encher placas e viras todos vêm ajudar: dos que ançam na instrução primária, dos que tiram um curso secundário, e dos que trabalham em officios. Tudo vem colaborar numa obra que é de todos nós.

O Picanço — o pedreiro mais «aferrado» — diz que é ele que vai colocar a bandeira na viga mais alta do telhado.

● **Atenção:** — Freixedas, o cozinheiro-mor da nossa Casa, anda a juntar jornais, selos, garrafas e tudo o mais com que faça dinheiro, para comprar uma máquina de descascar batatas. Ajudem-no na persistência, senão ele desanima.

Ernesto Pinto

SETÚBAL

Visado pela

Comissão de Censura

